

Nervosismo faz C-Bond cair 4,6%

CRISTINA BORGES

A saída de dólares do país e o comportamento da taxa cambial hoje serão os dois principais indicadores nos quais todo o mercado estará de olho. O feriado em São Paulo ontem produziu o efeito de uma trégua, mas não evitou que US\$ 95 milhões deixassem o país, sendo apenas US\$ 3 milhões pelo flutuante devido à unificação das duas taxas promovida pelo Banco Central. Neste mês, até ontem, a fuga de divisas soma US\$ 7,5 bilhões.

A expectativa de que o teste de fogo do novo regime cambial será hoje teria sido a motivação para o BC unificar as taxas do dólar comercial e flutuante e também ter autorizado as instituições financeiras a aumentar os limites de venda de dólares, no mercado físico. As duas medidas, principalmente a última, são avaliadas como capazes de reduzir a altíssima volatilidade da cotação do dólar. Mas essa redução de volatilidade só ocorreria a médio prazo, porque no momento as incertezas quanto à escalada da desvalorização do real são tão grandes que ninguém quer se desfazer de estoques da moeda americana.

Títulos – No exterior, toda a sorte de boatos, passando de uma eventual moratória técnica das dívidas interna e externa do Brasil e queda do ministro Pedro Malan até restrições na entrada e saída de dólares, provocou desvalorização dos principais títulos da dívida externa brasileira. O C-Bond perdeu 4,6% sobre a cotação de sexta-feira e o IDU caiu 2%. A unificação das taxas de câmbio gerou relatórios de bancos estrangeiros a seus clientes alertando para o risco de controle do câmbio, aumentando o grau de desconfiança sobre o país.

O pouco movimento do mercado interbancário brasileiro de câmbio, de apenas US\$ 1,4 bilhão contra US\$ 3,6 bilhões na sexta-feira, quando saíram quase US\$ 500 milhões, tornou a fuga de quase US\$ 100 milhões ontem mais expressiva proporcionalmente. Operadores, entretanto, minimizaram o fato ao identificarem uma remessa de US\$ 67 milhões por Curitiba (PR) que estaria ligada ao pagamento de um vencimento de bônus do HSBC.

Com negócios reduzidos a mais da metade, o dólar manteve-se em alta e com bruscas oscilações. A sua cotação voltou a bater R\$ 1,80 para encerrar a R\$ 1,7606 (venda), segundo a taxa medida pela Andima. Para a corrente otimista do mercado foi positivo o fato de o BC ter deixado o câmbio flutuar livremente, sem aproveitar o semi-feriado ontem para interferir nas cotações. Analistas dessa corrente prevêem que a ampliação do limite de venda de dólares abre espaço a alguns bancos para se desfazerem de parte de seus estoques se avaliarem que o preço da moeda americana já se encontra equilibrado, com uma valorização de 45,45% do dólar sobre o real.

Juros – O mercado de juros teve poucos negócios. Ainda pela manhã, o BC entrou tomando recursos a 32,5%, sinalizando a taxa Selic utilizada para as operações de empréstimos por um dia. Essa taxa permanece inalterada desde a última quarta-feira. Segundo a Andima, a taxa over (diária) ficou em 32,39%, com projeção de 30,72% para o ano.

O feriado em São Paulo, que deixou a Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) fechada, fez com que não houvesse negociação no mercado de depósito interbancário (DI), que aponta os juros futuros. Hoje, o BC realiza leilão de títulos do Tesouro. Foram anunciados papéis cambiais no valor de R\$ 500 milhões, mais R\$ 1 bilhão em títulos mistos, parte com taxas prefixadas para fevereiro e outra parcela com prazo de um ano a juros pós-fixados.

A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro operou sozinha, mas com volume financeiro baixíssimo: apenas R\$ 4,07 milhões em escassos 72 negócios. O IBrV caiu 0,7% e o índice Senn perdeu 1,3%.